

Anabela Gradim  
Paulo Serra (Eds.)

# **ANUÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA 2019/20**

**Geografias da diversidade**

**ANUÁRIO INTERNACIONAL  
DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA  
2019/2020**

ANABELA GRADIM

PAULO SERRA (ORGS.)

**Ficha Técnica****Título**

Anuário Internacional de Comunicação Lusófona

**Organização**

Anabela Gradim

Paulo Serra

**Editora LabCom.IFP**

[www.labcom-ifp.ubi.pt](http://www.labcom-ifp.ubi.pt)

**Coleção**

Livros de Comunicação

**Direção**

Gisela Gonçalves

**Design Gráfico**

Cristina Lopes (capa)

**ISSN**

2255-2243

**Tiragem**

Print-on-demand

Universidade da Beira Interior

Rua Marquês D'Ávila e Bolama.

6201-001 Covilhã. Portugal

[www.ubi.pt](http://www.ubi.pt)

**Covilhã, 2020**

© 2020, Anabela Gradim & Paulo Serra.

© 2020, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

# Índice

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>Diversidade de espaços no cinema português</b> <b>Diversity of spaces in the Portuguese cinema</b>	
<b>Paulo Serra</b>	<b>3</b>
<b>Opinião pública: a mídia na construção da imagem da continuidade do Brasil com Portugal</b> <b>Public opinion: the media in building the image of Brazil's continuity with Portugal</b>	
<b>Fernando Augusto Silva Lopes &amp; Fernanda Barbosa Lopes</b>	<b>17</b>
<b>Música popular e marcadores culturais na cidade contemporânea: o contexto no município de Cuiabá</b> <b>Popular music and cultural markers in the contemporary city: the context in the municipality of Cuiabá</b>	
<b>Yuji Gushiken &amp; Helsio Amiro Motany de Albuquerque Azevedo</b>	<b>39</b>
<b>Interseccionalidade, orientalismo e representatividade: Um estudo de caso na série Sex Education</b> <b>Intersectionality, orientalism and representativity: A case study in the Sex Education series</b>	
<b>Heloisa Keiko Saito André</b>	<b>65</b>
<b>A Era do Streaming no Espaço Lusófono: Uma geografia dos canais</b>	

<b>de TV na CPLP</b> <b>Age Streaming in the Lusophone Space: A geography of TV channels at CPLP</b> <b>Sonia V. Moreira, Ricardo M. A. Rios &amp; Vitor P. Almeida</b>	<b>75</b>
<b>O Jornalismo de Dados no espaço Lusófono: notas sobre os perfis de profissionais do Brasil e de Portugal</b> <b>Data Journalism in the Lusophone space: Notes on the profiles of professionals from Brazil and Portugal</b> <b>Vanessa Teixeira de Barros</b>	<b>105</b>
<b>Mapa da mídia no Tocantins: levantamento dos veículos entre 2016 e 2020</b> <b>Media map in Tocantins: survey of vehicles between 2016 and 2020</b> <b>Liana Vidigal Rocha, Sarah Melisa Barros de Sousa</b> <b>Yago Modesto Alves</b>	<b>127</b>
<b>Explorações sobre a viragem cultural em França e na Grã-Bretanha e os seus primeiros ecos em Portugal</b> <b>Explorations on the cultural turn in France and Great Britain and their early echoes in Portugal</b> <b>Filipa Subtil</b>	<b>149</b>

# **Explorações sobre a viragem cultural em França e na Grã-Bretanha e os seus primeiros ecos em Portugal**

## **Explorations on the cultural turn in France and Great Britain and their early echoes in Portugal**

Filipa Subtil

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa e ICNOVA, Portugal  
fsubtil@escs.ipl.pt

### **Resumo:**

A viragem cultural que, nas décadas de 1960 e 1970, reorientou, em alguns países europeus, várias disciplinas das ciências sociais e das humanidades, só se estabeleceu institucionalmente nas universidades portuguesas nos finais do século XX. No entanto, esse movimento de ideias teve um eco precoce em certos círculos intelectuais. O objetivo do presente texto é expor as primeiras iniciativas e figuras que fizeram a receção de tal movimento de ideias em Portugal. O ensaio começa por apresentar um breve panorama desta reorientação em França e na Grã-Bretanha para, de seguida, expor o seu acolhimento em Portugal num contexto político e social periférico caracterizado por um regime autoritário envolvido numa guerra colonial. O texto termina destacando o papel desempenhado por universitários, escritores, editoras e revistas de cultura e literatura fora do *establishment* da época, o que indica a importância das margens e dos ambientes alternativos em processos de receção cultural e científica.

### **Palavras-chave:**

Viragem cultural das ciências sociais e das humanidades; Estudos culturais; Comunicação de massa; Ecos da viragem cultural em Portugal.

### **Abstract:**

The cultural turn that marked the Humanities and Social Sciences in some European countries in the 1960s and 1970s was only established institutionally in Portugal in the late twentieth century. Yet, that turn had an early echo in certain Portuguese intellectual circles. The aim of this essay is to present the first initiatives and figures that introduced such ideas and guidelines in Portugal. It starts with a brief overview

of the emergence of Cultural Studies in France and Great Britain. Then it presents the first initiatives and figures that welcomed in Portugal those research programs in a peripheral political and social context characterized by an authoritarian regime implicated in a colonial war. Finally, the paper highlights the role played by university students, writers, publishers and journals of culture and literature outside of the establishment, which emphasize the importance of margins and alternative environments in processes of cultural and scientific reception.

**Keywords:**

Cultural turn in social sciences and humanities; cultural studies; mass communication; echoes of the cultural turn in Portugal.

Nos EUA e nos países centrais europeus, após o desenlace do contexto dramático da II Guerra Mundial, desenvolveram-se formas de Estado Social que abriram o caminho para os chamados 30 gloriosos anos. As mercadorias industriais expandiram-se e o consumo, como prática social alargada, passou a abranger os mais diversos aspetos da vida individual e da colectividade, entre os quais os da cultura e da informação. Mas rapidamente as sociedades da América do Norte e da Europa ocidental se confrontaram com a emergência da Guerra Fria, a persistência da pobreza, as desigualdades de condição socio económica, de género e étnicas. Por sua vez, as revelações das atrocidades da ditadura de Estaline na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) descredibilizaram o marxismo ortodoxo e contribuíram para o surgimento de outras perspectivas de esquerda e para o aguçar do sentimento de agitação nos sectores intelectuais e movimentos estudantis. Expressões desse mal-estar abrangeram as mobilizações contra os planos imperialistas, bem exemplificados, nos EUA, pelos protestos contra a guerra do Vietname, em França, pela revolta do maio de 68 e, em Portugal, num contexto específico de ditadura, a contestação à Guerra Colonial.

Embora não se possa afirmar a existência de uma correspondência, e muito menos direta, entre os tumultos sociais e políticos desse período e o panorama do estudo e investigação académica sobre a sociedade e a cultura, também a universidade se viu implicada num acontecimento que pode ser designado por revolta teórica. Esta dirigiu-se quer contra as tendências do empiricismo norte-americano, identificadas geralmente com as orientações dominantes na sociologia incrementada pelo Bureau of Applied Social Research da Univer-

sidade de Columbia, quer contra as do marxismo crítico desenvolvido pela chamada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (com forte peso na academia europeia). Estas duas correntes tinham praticamente hegemonizado a investigação e as ideias nas ciências sociais entre as duas guerras mundiais e o imediato pós-guerra.

Os novos meios tecnológicos e industriais no campo da comunicação proliferaram a uma escala nunca antes ocorrida. Tornaram-se dispositivos que permitiram o surgimento e disseminação de novas formas de informação, produção e consumo cultural, de que são expressão a televisão para o grande público, a explosão da música rock e dos concertos, a multiplicação de jornais, revistas e outras publicações de grande tiragem e o cinema de massa. Estes fenómenos estimularam novas formas de sociabilidade, estilos de vida, lazer e evasão e foram acompanhados pela implementação de outras tecnologias no quotidiano.

No final dos anos 50 e inícios da década seguinte, em França e na Grã-Bretanha, surgiram projetos que procuravam novas vias de pesquisa que tomaram a cultura como conceito central. Estão neste caso as iniciativas que deram origem ao Centre d'Études des Communications de Masse (CECMAS), fundado em 1960, em França, e ao Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), criado em 1964, na Grã-Bretanha. Apesar das diferenças que é possível encontrar nestes dois empreendimentos de pesquisa, ambos partilhavam de uma sensibilidade crítica face a uma universidade que não estava a conseguir dar conta da complexidade social e cultural e rejeitava as tendências dominantes de uma investigação social que considerava redutora. Este esforço ficou conhecido como viragem cultural, tendo criado um impulso no conhecimento social que procurou criar um espaço próprio na universidade, numa iniciativa que se postulava como crítica e interpretativa. De forma muito sumária, é possível afirmar que esta nova abordagem assentou na busca de uma compreensão do processo social que realçava a atribuição de sentido à realidade e na ampliação da noção de cultura a múltiplas atividades sociais, pensando-a como dinâmica em aberto, em contínua construção e desconstrução.

## O Centre d'Études des Communication de Masse

O CECMAS foi estabelecido por iniciativa do sociólogo Georges Friedmann, numa ação conjunta da École Pratique des Hautes Études<sup>1</sup> e do Centre Nationale de Recherche Scientifique (CNRS). O plano para a criação do centro começou a desenhar-se, em 1958, aquando de um encontro, em Paris, entre Friedmann, Paul Lazarsfeld, Roland Barthes e Edgar Morin (Morin, V. 1978). O centro teve como antecedentes os trabalhos de Morin, oriundo da antropologia, que, no final da década de 50, tinha publicado ensaios e livros sobre cinema e o fenómeno das *stars*<sup>2</sup>; e ainda de Barthes, vindo da semiologia, que, em 1957, publicara *Mitologias*. Para além destes, Friedmann convidou estudiosos como Christian Metz, Abraham Moles, Jean Baudrillard, Jules Gritti, Jean Cazeneuve, Tzvetan Todorov, André Glucksmann, Violette Morin, Olivier Burgelin, Claude Brémont, Umberto Eco, Eliseo Veron, Algirdas J. Greimas, Julia Kristeva, vários destes conotados com outra corrente de pensamento que se estava a desenvolver nas ciências sociais e humanas – o estruturalismo, muito inspirado no modelo da linguística de Ferdinand de Saussure. O centro colocou a academia francesa como pioneira na universidade europeia da teorização e investigação sistemáticas dos novos processos culturais associados à comunicação massiva (Dagenais, 2007: 179, parágrafo 1).

O CECMAS deu estatuto académico à cultura e à comunicação de massa, num tempo em que estes tópicos ainda não suscitavam demasiado interesse nas universidades europeias<sup>3</sup>. Diferentemente do marxismo da Escola de Frankfurt, os investigadores do CECMAS, a partir de um olhar multidisciplinar, pretendiam mostrar quão fecunda e complexa era a comunicação mediática, tentando compreender as suas dinâmicas e relações. Esta terá sido “a idade de ouro da descoberta da cultura popular” em França, para usar palavras de Bernard Dagenais (2007, parágrafo 5).

Todavia, logo em 1963, Pierre Bourdieu, que se tornaria num dos mais proeminentes sociólogos franceses da segunda metade do século XX, desencadeou uma controvérsia com esta perspetiva intelectual. Em co-autoria com

<sup>1</sup>Posteriormente designada de École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales.

<sup>2</sup>*Cinema ou l'Homme Imaginaire. Essai d'Anthropologie*, de 1956 e *Les Stars*, de 1957.

<sup>3</sup>Os EUA tinham maior tradição nestes domínios, embora inserida em instituições dedicadas a outros interesses de pesquisa.

Jean-Claude Passeron, publica “Sociologues des mythologies et mythologies des sociologues” (1963), texto que interage de forma crítica com o livro de Barthes, *Mitologias*, publicado seis anos antes. Este ensaio é apenas um primeiro confronto, no qual Bourdieu e Passeron se afastam dos académicos das ciências sociais e humanas que se interessavam pelos *media* e a cultura de massa, anunciando o que foi visto como o desconforto da sociologia francesa relativamente aos objetos de investigação e autores do CECMAS (Morin & Macé, 2005, pp. 5-18).

O principal meio de divulgação do trabalho do CECMAS foi a revista *Communications*, fundada em 1961, cabendo a Friedmann a sua direção. Os primeiros números tiveram periodicidade anual<sup>4</sup> e conteúdos generalistas, mas, a partir de 1964, passou a semestral e as edições converteram-se em temáticas. *Communications* posicionou-se como uma revista académica de referência na pesquisa em cultura e comunicação de massa e nas análises semiológicas. Os temas dos primeiros números incluíram tópicos como cultura erudita e cultura de massa, canções e discos, rádio-televisão, censura, férias e turismo. A revista adquiriu prestígio internacional, tendo nela publicado, nos dez primeiros números, teóricos da Alemanha – da envergadura de Theodor Adorno –, de Itália – onde se destacou Umberto Eco – e dos EUA, com contributos de figuras reconhecidas como Paul Lazarsfeld, Robert Schulze, Morris Janowitz, Leo Bogart, George Gerbner e Herbert Gans. Muitos dos que aí escreveram tiveram uma influência inegável naquilo que diz respeito ao desenvolvimento da reflexão sobre cultura e comunicação a partir de uma proposta que tinha como eixos os modos de dominação ideológica, cultural e simbólica<sup>5</sup>. Barthes é talvez a figura cuja obra teve naqueles anos maior repercussão internacional, tendo sido lido e traduzido precocemente em Portugal.

A orientação do CECMAS para a valorização da cultura e da comunicação de massa, como objeto de estudo, estabeleceu uma tendência que veio a ser observada noutros países ao combinar preocupações sociológicas e antropológicas com a semiótica e as análises de discurso como método de análise. Em 1973, o CECMAS altera a sua designação para CETSAS – Centre d’Études

<sup>4</sup>Em 1962, não foi publicado qualquer número.

<sup>5</sup>Ainda em França, neste período, merecem referência, em domínios próximos, os trabalhos desenvolvidos por Henri Lefebvre sobre a vida quotidiana, em particular *Critique de la Vie Quotidienne. Tome II Fondements d’une Sociologie de la Quotidienneté* (1961) e *La Vie Quotidienne dans le Monde Moderne* (1968).

Transdisciplinaires: Sociologie, Anthropologie, Sémiologie (Friedman, 1974, pp. 213-219), numa tentativa de ampliação do espectro de intervenção, mas correspondendo também à divisão que se instalou entre alguns dos fundadores e colaboradores do Centro (entre eles, Morin e Barthes), que consideravam a denominação demasiado limitativa para as suas aspirações. A nova direção ficou então a cargo de Barthes, Friedmann e Morin.

## O Center for Contemporary Cultural Studies

Sensivelmente no mesmo período, na Grã-Bretanha, emergiu um movimento intelectual e uma dinâmica de investigação com afinidades aquela que ocorreu em França, mas com expressões teórica e empírica específicas. Conceder relevância à cultura e à comunicação de massa, conciliar a pesquisa empírica multidisciplinar e o olhar crítico foi também o intuito de um projeto que ficou conhecido como *cultural studies*. É possível remontar este projeto a uma tradição do pensamento inglês do final do século XIX, denominada *Culture and Society*, onde se distinguiram pensadores como Matthew Arnold, John Ruskin e William Morris, entre outros. Apesar de algumas diferenças políticas, todos tinham em comum uma atitude crítica de viés cultural face à “civilização moderna”. A expressão *cultural studies* remete para um conjunto de trabalhos elaborados por teóricos britânicos, publicados a partir de finais da década de 1950. Entre eles, podem ser nomeados *The Uses of Literacy. Aspects of Working-Class Life with Special Reference to Publications and Entertainments* (1958), de Richard Hoggart, cujo trabalho abrangeu os campos da sociologia, da literatura inglesa e dos estudos culturais, com ênfase na cultura popular britânica; e *Culture and Society: Coleridge to Orwell* (1958), do britânico Raymond Williams, que se debruçou sobre os tópicos da política, da literatura e da cultura de massa a partir de uma perspectiva marxista integrada no que ficou conhecido como Nova Esquerda britânica. As obras citadas podem ser genericamente consideradas como etnografias de inspiração crítica da cultura de massa e das culturas e subculturas das classes desfavorecidas do Reino Unido (Hall, 1992, p.33).

Hoggart e Williams procuraram elaborar uma noção não hierárquica da cultura, afastando-se da rigidificação da dicotomia entre cultura erudita e cultura popular. Esta perspectiva marcou a pesquisa dos estudos culturais tal

como foi depois estabelecida pelo Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado em 1964, na Universidade de Birmingham, sob o impulso daquelas figuras, às quais se juntaram depois Edward P. Thompson e Stuart Hall. Na agenda de investigação deste centro foram desenvolvidos estudos sobre tópicos até então considerados pouco dignos de reflexão académica - com exceção, como se viu, do CECMAS - de que são exemplos as subculturas juvenis, produtos culturais consumidos pelas classes populares, publicidade, música rock, futebol, celebridades e as identidades étnicas e de género. No plano epistemológico, posicionou-se como uma das reações da academia europeia à herança do positivismo lógico que dominava as ciências sociais anglo-saxónicas. Redirecionar as interpretações mais economicistas do marxismo, na tentativa de conceder maior centralidade aos fenómenos culturais, foi outra das tendências do CCCS. Os seus membros interessaram-se pelo conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, pela semiologia de Barthes e pelo marxismo de Louis Althusser.

Bourdieu, tal como ocorreu com o CECMAS, interagiu com a abordagem culturalista inglesa, embora com matizes diferentes. Em 1975, a recém-criada revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* propôs prosseguir a mesma pista dos *cultural studies*: interrogar as implicações políticas da cultura. Explorou objetos de pesquisa próximos aos do CCCS, como sejam as práticas e os objetos da cultura popular, questionando os desafios políticos da cultura e encarando seriamente as culturas populares ou “ilegítimas”: fotografia, romances “populares”, banda desenhada, livros infantis, consumo, corpo, relação entre as classes populares e a escola, etc. Apesar de a cooperação entre os dois centros ter sido sempre limitada, muito pela desconfiança da equipa liderada por Bourdieu relativamente à orientação semiológica da investigação britânica e devido às supostas fraquezas sociológicas e ao tom popular de uma parte daquelas pesquisas, foi a *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* que publicou as primeiras traduções para língua francesa de textos de Hoggart, Williams, Thompson e Willis<sup>6</sup>.

<sup>6</sup>Vejam-se os nºs 2-3 de 1976 e 17, 18 de 1978. É aliás nesta sequência que Hoggart e Thompson foram convidados por Bourdieu para se deslocar a Paris. Logo em 1976, Williams, também a convite do sociólogo francês, apresenta o seu livro *The country and the city* na École Normal, no âmbito do seminário que Bourdieu coordenava sobre “Sociologie de la culture et des modes de domination”.

## **Elementos para uma história da receção dos estudos culturais em Portugal nas décadas de 1960 e 1970**

Num contexto em que o mundo académico de língua inglesa não tinha a preponderância internacional que passou a ter nas últimas duas décadas do século XX, o CECMAS, mais do que o CCCS, irradiou uma influência significativa, nos anos 60 e 70, no que diz respeito à viragem cultural em alguns dos países da Europa do Sul (Garcia-Jimenez; Hernández-Perez & Subtil, 2020)<sup>7</sup>. Neste enquadramento, logo nos inícios de 1960, apesar da repressão exercida nas ciências sociais e nas humanidades por parte do regime autoritário de Salazar e Caetano, a viragem cultural europeia começou a ser objeto de atenção em Portugal por via da referência a autores do CECMAS e através de círculos intelectuais de esquerda. A viragem cultural deu os seus primeiros passos por iniciativa de alguns ensaístas, escritores, publicistas e jovens universitários que prestaram atenção sobretudo ao pensamento francês e não tinham conexão institucional com a universidade portuguesa. Os seus primeiros embaixadores estavam ligados aos estudos literários e recorreram a editoras, que procuravam furar as malhas da censura, e à imprensa escrita, tendo nesta publicado recensões críticas, traduções e pequenos ensaios de divulgação.

A receção em Portugal da viragem cultural na sua variante francesa ocorreu por via de intercâmbios que compreenderam três tipos de articulações: no final dos anos 60 e década seguinte, a tradução e publicação dos autores franceses na forma de livro/coleções, mas também em revistas literárias e de cultura; nos anos 70, estadias de jovens universitários portugueses em França, alguns como bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian, onde frequentaram seminários no CECMAS e cujas investigações de doutoramento foram orientadas por Barthes e Metz, entre outros membros desse centro; ainda nos anos 70, a vinda a Portugal de académicos do CECMAS para proferir conferências.

Entre os ensaístas e escritores portugueses que se destacaram no acolhimento das tendências francesas encontram-se Eduardo Lourenço (1923-2020), na altura já sediado em França, Vergílio Ferreira (1916-1996) e António Ramos Rosa (1924-2013). O ano de 1968 foi, a este título, prolífico na tradução, edição e comentário de autores franceses, vários deles expoentes do

---

<sup>7</sup>Um dos exemplos bem conhecido da relação estreita do CECMAS com os meios académicos e culturais da Europa do Sul é evidentemente o do italiano Umberto Eco.

estruturalismo. A revista *O Tempo e o Modo*, fundada, em janeiro de 1963, por católicos críticos<sup>8</sup> do regime do Estado Novo e que veio a reunir um amplo leque de figuras políticas da oposição, publica, em janeiro de 1968 (nº56), um dossier sobre Estruturalismo com textos de Eduardo Lourenço, “Michel Foucault ou o fim do Humanismo”, e de Vergílio Ferreira, “Questionação a Foucault e a algum estruturalismo”, e na secção Antologia um ensaio de Michel Foucault, “Dom Quixote”, excerto retirado de *Les mots et les choses*. Ainda em 1968, em fevereiro, é dado à estampa, apenas – sublinhe-se – dois anos após a sua edição em França, a tradução de *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, de Foucault, da responsabilidade de António Ramos Rosa. Esta edição surge acompanhada de dois prefácios assinados por Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira, reedições dos ensaios publicados em *O Tempo e o Modo*. Saliente-se que nenhuma destas figuras, António Ramos Rosa e os dois prefaciadores, lecionava na universidade portuguesa.

Ligado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Eduardo Prado Coelho (1944-2007), que se tornará em 1970 um jovem professor dessa escola, publicou, através da Portugália Editora, nesse extraordinário mês de maio de 1968, *Estruturalismo. Antologia de Textos Teóricos*, com seleção de textos, tradução de alguns deles e introdução do próprio. Trata-se de uma coletânea que reúne ensaios de Barthes, Foucault (ensaio e entrevista), Jacques Derrida, Jean-Paul Sartre (entrevista), Lévi-Strauss, Louis Althusser e Jacques Lacan. Em 1972, Prado Coelho impulsionou, nas Edições 70, a coleção “Signos”, que traduziu parte substancial da obra de Barthes, mas também de Kristeva, Todorov, e de outros expoentes do estruturalismo. Entre esse ano e 1991, a coleção publicou 51 títulos dos quais 18 da autoria de Barthes. De referir também que Eduardo Prado Coelho, na qualidade de crítico literário, divulgou durante várias décadas muitas destas ideias e autores nas várias publicações periódicas onde colaborou como a *Seara Nova*, *Diário de Lisboa* (onde fez crítica de cinema), *Comércio do Porto*, *Vértice*, *O Tempo e o Modo* e, já nos anos 90, no diário *Público*<sup>9</sup>.

<sup>8</sup>Entre os fundadores da revista, oriundos de diversos movimentos católicos progressistas, entre eles, a Juventude Universitária Católica e o jornal *Encontro*, contavam-se António Alçada Baptista (diretor), João Bérnard da Costa (chefe de redação), Pedro Tamen (editor), Nuno Bragança, Alberto Vaz da Silva e Mário Murteira.

<sup>9</sup>No Suplemento “Leituras” deste diário, Eduardo Prado Coelho trouxe nesta década, através das suas crónicas, o debate sobre a cultura de massa para os jornais.

Os então igualmente jovens universitários Maria Alzira Seixo (1941- ...), Arnaldo Saraiva (1939- ...) e José Augusto Seabra (1937-2004) frequentaram, entre 1969 e 1971, os seminários do CECMAS, os dois primeiros com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>10</sup>. Maria Alzira Seixo assistiu a seminários de Greimas, Todorov, Lacan e Kristeva e foi coorientada na sua tese de doutoramento sobre literatura francesa por Barthes<sup>11</sup>. Arnaldo Saraiva recebeu a supervisão de Barthes, Greimas e Gérard Genette, denotando uma inclinação para aquilo que designava de literaturas marginais<sup>12</sup>. José Augusto Seabra, que se exilou em França, foi também orientado por Barthes, tendo-se doutorado pela Sorbonne, em 1971, com uma tese sobre Fernando Pessoa. Em 1975, Maria Alzira Seixo, já docente da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa<sup>13</sup>, iniciou a publicação da coleção “Práticas de Leitura”, sob a chancela da Editora Arcádia, da qual foram editados 6 volumes<sup>14</sup>. O intuito desta iniciativa editorial foi facultar aos estudantes universitários portugueses traduções dos autores franceses oriundos da tradição semiológica e dos estudos fílmicos.

Já na década de 1980, mais concretamente em 1982, também por iniciativa de Maria Alzira Seixo, em conjunto com Jean Van-Hamme, Cristina Almeida Ribeiro, André Sigalos, Luís Miguel Nava e Miguel Tamen, ocorreu, na mesma faculdade, o primeiro colóquio sobre Barthes na academia portuguesa, onde os temas apresentados e discutidos foram exclusivamente no âmbito da

---

<sup>10</sup>Fundação Calouste Gulbenkian, *Bolseiros de Pós-Graduação 1956-2006* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006). De realçar que, nestes anos, Jacinto Prado Coelho, pai de Eduardo Prado Coelho, e à altura professor catedrático da então Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, incentivava os estudantes mais talentosos a sair do país, a ir para França estudar com estas figuras, a ter contacto com novas perspetivas (Estas informações foram coligidas através de uma entrevista da autora deste texto a Maria Alzira Seixo, 17 setembro 2015).

<sup>11</sup>Informação obtida na entrevista a Maria Alzira Seixo supracitada.

<sup>12</sup>A sua tese de licenciatura, defendida em 1968, intitulava-se *Carlos Drummond de Andrade: do berço ao livro*. Em 1977, publica *Canções de Sérgio Godinho. Estudo crítico* (Assírio & Alvim), onde analisa as líricas. Uma nova edição desta obra modificada e ampliada foi editada em 1983.

<sup>13</sup>Atualmente Universidade de Lisboa.

<sup>14</sup>Estes volumes foram dados à estampa entre 1976 e 1979, com os seguintes títulos: *Literatura, significação e ideologia* (1976), *Categorias da narrativa* (1976), *O sujeito, o corpo e a letra: ensaios de escrita psicanalítica* (1977), *Semiótica do romance* (1978), *Discurso da narrativa: ensaio de método* (1979) e *Análise semiótica do texto fílmico* (1979).

literatura. No que concerne às visitas de alguns dos autores franceses a Portugal, há a assinalar a vinda de Kristeva, a convite de Maria Alzira Seixo, tanto quanto foi possível apurar, em 1973 (ou talvez 75/76), tendo proferido conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Sociedade Portuguesa de Escritores. Barthes foi por diversas vezes convidado para vir a Portugal antes do 25 de Abril de 1974, mas recusou sempre, como comprova a carta de 11 de Abril de 1973, endereçada a Maria Alzira Seixo, onde o próprio afirma “devido à situação política, não quero ter de ir ‘oficialmente’ a Portugal; não arrisco embaraços, por esse lado.” (*Jornal das Letras*, 5 a 18 agosto 2015: 14). Só em 1975 é que terá aceite deslocar-se ao nosso país.

Embora a viragem cultural tenha sido recebida em Portugal fundamentalmente por via do pensamento francês, e muito em articulação com a receção do estruturalismo, o trabalho académico e literário oriundo da Grã-Bretanha e dos autores do CCCS não foi nessa época completamente ignorado. Em especial, as perspectivas e as obras de Williams e Hoggart tiveram alguma divulgação pública. Quem assumiu a este respeito um papel relevante, através de textos na imprensa periódica literária e cultural, foi José Sesinando Palla e Carmo (1923-1995), também conhecido por José Palla e Carmo<sup>15</sup>.

Escritor, ensaísta, crítico literário, tradutor e especialista em literatura anglofona, Palla e Carmo colaborou com várias publicações, entre elas *Altura – Cadernos de Poesia*, *Europa – Jornal de Cultura*, *Companha – Artes, Letras e Ciências*, suplemento cultural do semanário *Litoral*, *Jornal de Letras e Artes*, *Revista Almanaque*, *Colóquio Letras*, e na *Tempo e Modo. Revista de Pensamento e Acção*. É nesta última que publicou um artigo, logo em 1964 (nº21 e 22), intitulado “Cultura, culturas e cultura de massa”, no qual confronta as correntes francesa e inglesa. Vale a pena abrir um parêntese para assinalar que naquele número duplo, foi também publicado um excerto do livro *L’Esprit du temps. Essai sur la culture de masse*, de Morin, cuja primeira edição tinha saído em França no ano anterior (em 1963). Acrescente-se a este respeito que apenas em 1970 a Livraria Moraes Editora<sup>16</sup> publica a primeira tradução de *O Cinema ou o Homem Imaginário* de Morin, da responsabilidade do cineasta António Pedro Vasconcelos. E, finalmente, só em 1973 é que o livro *Uses of literacy. Aspects of working class life*, de Hoggart, foi traduzido

<sup>15</sup> Assinava os seus textos humorísticos como José Sesinando.

<sup>16</sup> Para uma compreensão mais aprofundada sobre o papel literário e cultural desta editora durante o Estado Novo, ver Ludovico (2016).

para português por Maria do Carmo Cary, com o título *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*, sob a chancela da Editorial Presença.

De regresso ao papel de Palla e Carmo, este colaborou ainda, desde o primeiro número em março de 1981 e até à sua morte em 1995, no *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* com uma coluna intitulada “Escrituralismo” (onde assinava como José Sesinando). Para além da atividade de publicista, Palla e Carmo prestou bastante atenção aos contextos literários anglo-saxónicos, nomeadamente às propostas modernistas da poesia, como a tendência *beat*, embrião do que viria a ser posteriormente conhecido como o movimento hippie. Ezra Pound, T. S. Elliot, William Carlos Williams, Lawrence Ferlinghetti e Allen Ginsberg foram por ele traduzidos. Com o irmão, o arquiteto e fotógrafo Vitor Palla, verteu ainda para a língua portuguesa H. G. Wells e Somerset Maugham. Assinale-se que se devem também a Palla e Carmo as primeiras traduções para língua portuguesa de poemas de Bob Dylan, Prémio Nobel da Literatura de 2016, acompanhados de uma breve e aprimorada nota<sup>17</sup>.

## Nota final

Do que se expôs, importa esclarecer, em primeiro lugar, que Portugal, apesar do contexto de ditadura e guerra colonial, acolheu, desde os anos 60, as tendências iniciadas na academia europeia do que viria a confluir na viragem cultural das ciências sociais e humanas. Em segundo lugar, deve ser especificado que tais correntes de pensamento nos chegaram graças ao esforço empreendido por escritores, ensaístas, jovens universitários e publicistas ligados aos estudos e à crítica literária não *mainstream*, ideologicamente conotados com a esquerda. Em terceiro, importa explicitar que, se as tendências vindas da Grã-Bretanha são as que provavelmente maior expressão têm hoje nos estudos culturais em Portugal, foram as perspectivas do CECMAS as primeiras a ser acolhidas nas humanidades e nas ciências sociais portuguesas. Finalmente, embora os autores ingleses não tenham tido nos anos 60 e 70 uma receção sistemática, não deixaram de ter alguma divulgação, distinguindo-se

---

<sup>17</sup>A tradução destes poemas pode ser encontrada n.º *A Capital*, 27 de janeiro 1971. Publicou ainda *A poesia norte-americana contemporânea* (Ed. Movimento 1966).

o papel das revistas culturais e literárias e a figura singular (ou singularíssima) de José Palla e Carmo.

## Referências

Bourdieu, P. & Passeron, J-C. (1963). Sociologues des mythologies et mythologies de sociologues. *Les Temps Modernes*, n. 211: 998-1021.

Bremond, C.(2015). Une enquête internationale sur le héros de film. *1895. Revue de l'association française de recherche sur l'histoire du cinema*, 75 (2015): 115-119.

Dagenais, B. (2007/2). Edgar Morin et la pensée complexe. *Hermés*, 48: 179-184.

Friedman, G. (1974). Activités du C.E.T.S.A.S en 1972-1973. *Communications*, “La télévision par câble: une révolution dans les communications sociales?”, n. 21: 213-219.

Fundação Calouste Gulbenkian(2006). *Bolseiros de Pós-Graduação 1956-2006*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Garcia-Jimenez, L., Hernández-Perez, M. & Subtil, F. (2020). History, debates and current trends of cultural studies in Europe. In Paulino, F. O.; Vicente, M. & Custodio, L. (ed.). *Research Traditions in Dialogue. Communication Studies in Latin America and Europe*, Ramada: Media XXI:123-152.

Gomes, A. (2005). A JUC, o *Jornal Encontro* e os primeiros inquéritos à Juventude Universitária. Contributos para a história das modernas ciências sociais em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 49: 95-115.

Gritti, J.(1999). Les années cinquante dans les recherche en communication. *Recherche en Communication*, 11: 22-42.

Hall, S. (1992). Cultural studies: Two paradigms. In *Media Culture and Society. A Reader*. Londres: Sage Publications: 33-48.

Ludovico, S. (2016). Um editor já desmascarado ou marcado: a Livraria Moraes Editora e a censura, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 16: 453-473.

Morin, V.(1978). Georges Friedmann. *Communications*, n. 28: 1-4.

Ribeiro, A. S. (1993). Configurações do campo intelectual português no pós-25 de Abril: o campo literário. In Santos, B. S. (org.). *Portugal: um retrato singular*. Porto: Afrontamento: 483-512.

## **Agradecimentos**

Muitas das informações que se disponibilizam e relações que se estabelecem neste texto beneficiaram das entrevistas realizadas a Maria Alzira Seixo (Lisboa, Centro Cultural de Belém, 17 Setembro 2015) e Manuel Frias Martins (Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 28 Setembro 2015), a que se juntam ainda as conversas informais, mas preciosas, mantidas com Arnaldo Saraiva, José Luís Garcia e Tito Cardoso e Cunha. A todos agradeço a disponibilidade e o conhecimento partilhado. Qualquer imprecisão ou interpretação menos conseguida são da inteira responsabilidade da autora deste ensaio.